

Apoio desde a campanha de JK à Presidência

Arquivo pessoal



PALMERINDA FICOU AMIGA DE SARAH KUBITSCHKEK EM UM SALÃO DE BELEZA NO RIO, DEPOIS VIROU PESSOA DA CONFIANÇA DE JUSCELINO. NA FOTO COM O CASAL KUBITSCHKEK

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O trabalho da pioneira em prol da construção da nova capital começou em meados da década de 50, antes da chegada de muitos desbravadores ao Planalto, durante a campanha de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, no Rio de Janeiro.

Depois de ler e conhecer a vida do então candidato à Presidência na maior revista em circulação da época — *O Cruzeiro* —, Palmerinda Donato descobriu o carisma e a sua afeição por JK e a família. Foi no salão de beleza que ficava ao lado do café, de propriedade do então marido Domênico Donato, que ela conheceu a sua maior amiga e companheira de luta: *Madame Kubitschek*. A amizade entre elas levaria a farmacêutica a subir nos palanques durante a campanha eleitoral, a proferir emocionantes discursos em favor de Juscelino e, mais tarde, a ser nomeada para um dos mais importantes cargos do governo JK, em Brasília.

Com a vitória brilhante do “homem de três emes” — mineiro, médico e macho (como JK se intitulava, no sentido de que sua palavra era uma promessa) —, Palmerinda faria a sua primeira viagem a Brasília.

“Juscelino era assim mesmo. Se promettesse levar um doce para você, aquilo era um compromisso. No outro dia, você

poderia esperar em casa que ele mandava entregar”, garante a pioneira.

Foi no lançamento da pedra

fundamental da Catedral de Brasília que Palmerinda pisou, pela primeira vez, o local onde estava sendo construída a capital. Veio, a convite de Juscelino, acompanhada da esposa do presidente, Sarah, dos secretários Moacir Moura, Ary Moraes, do ministro da Saúde, Mário Pinotti, e do marido Domênico Donato. Foi na ocasião que ela viveu uma das cenas mais cômicas desde a sua chegada. “Eu estava saindo do carro, vestida a caráter e usando sapatos de camurça (da última moda) quando pisei de uma vez só naquela lama e meu sapato ficou preso. Minha sorte foi que havia trazido outro par, senão teria ficado descalça”, lembra a visitante.

A cena ficou marcada na memória da ex-presidente do Comitê de Campanha de Juscelino, que presenciava uma das mais belas cerimônias da época. O contraste de toda aquela pompa, do aparato religioso na presença de padres, bispos e das próprias autoridades, todas vestidas elegantemente, com a aspereza do cerrado, a impressionou. “A minha sensação diante daquele imenso vazio era de incredulidade, ninguém podia acreditar que Juscelino iria construir uma cidade desse porte naquele lugar”, declara Palmerinda.

A segunda visita à capital, an-

tes da inauguração, aconteceu em fevereiro de 1960, quando acompanhou a chegada das caravanas de integração nacional dos primeiros carros produzidos no país “a pedido de JK”. A data histórica ganhou um parágrafo no livro *Juscelino Kubitschek, o Brasileiro do Século XX*, lançado pela pioneira no ano passado. “Automóveis, jipes e caminhões, os primeiros fabricados no Brasil, saíam em colunas do Norte, Sul, Leste e Oeste, num total de 200 veículos, e iriam se encontrar em Brasília no dia 2 de fevereiro de 1960. A coluna Leste partiu da frente do Palácio do Catete (com as bênçãos do presidente). Eu estava lá, a convite de dona Sarah. Ficamos todos juntos, na pequena sacada, assistindo ao momento histórico”, descreve a autora, que presenciou também a chegada da caravana ao cerrado.

O trabalho e os anos de luta de Palmerinda ao lado da família Kubitschek a levaram a ocupar, em meados de 1957, o disputado cargo de “conferente” do Ministério da Fazenda, a convite do próprio presidente.

A vinda em definitivo para Brasília aconteceu em março de 1960, poucos dias antes da inauguração. “A adaptação foi penosa. Acho que quem ficou aqui foi por amor a JK, a dona Sarah, pelo ideal de construção da cidade e por amor ao Brasil”, garante a

A amizade com a família Kubitschek precede a construção de Brasília. Pessoa da confiança de JK, Palmerinda mudou-se para a nova capital em 1960

**PALMERINDA VEIO
PARA A CIDADE
COM A CONFIANÇA
DE JK. AQUI, VIROU
UMA BRASILIENSE
DE CORAÇÃO**

Arquivo pessoal



Cidadã Honorária do Lago Norte. “A única diversão das pessoas naquela época era o aeroporto, que chamávamos de ‘caixinha de madeira’, para onde íamos levar ou buscar as pessoas.”

O impacto na chegada foi muito grande, pois a maioria dos pioneiros vinha de outras cidades e até das capitais. “Não tínhamos conforto nenhum aqui. Foi muito chocante”, afirma a pioneira, que chegou a morar na casa da professora Maria Aldina Silveira Furtado, então diretora do ginásio do Setor Oeste.

Tristes recordações

Assim como nos momentos de maior alegria em que ela esteve presente, na vitória das eleições e na inauguração da nova capital, a presidente da pioneira também soube dividir com o povo brasileiro um dos momentos mais tristes da história do país: o golpe de 64 e o exílio de Juscelino. “Os amigos não saíam do seu lado (de JK). Era impossível deixá-lo naquela expectativa e dor. Todos sorriam. Juscelino, dona Sarah, as filhas, parentes, amigos e grande parcela do povo brasileiro”, descreve a escritora.

A amizade cruzou o oceano e ficou estampada nas cartas enviadas à amiga e ao povo no Brasil. Como ele próprio escreveu em maio daquele mesmo ano de seu exílio em Paris. “*Não posso, de imediato, enviar a cada um a resposta do meu coração (...)* Para

não atrasar, entretanto, estou pedindo a minha querida Palmerinda, que hoje regressa ao Brasil, que telefone a todos aqueles que ela conhece e lhes transmita, em meu nome, a expressão de minha profunda gratidão e a imorredoura lembrança que guardarei de gestos tão cativantes.”

O pedido do amigo exilado foi atendido. Palmerinda levou a mensagem a todos que conhecia. “Acho que fiz isso mais de 200 vezes, com grande honra e com a mais sentida emoção”, conta a então hóspede do Hotel Alvorada.

Nascida na vila de Anta, no município de Sapucaia, no Rio de Janeiro, Palmerinda se auto-define uma “pré-pioneira”, porque “se não tivesse apoiado, subido aos palanques e ajudado Juscelino a vencer, talvez Brasília nem existisse”.

O resultado de anos de trabalho e a convivência ao lado do

“
**A ADAPTAÇÃO FOI
PENOSA. ACHO
QUE QUEM FICOU
AQUI FOI POR
AMOR A JK, A D.
SARAH, PELO
IDEAL DE
CONSTRUÇÃO DA
CIDADE E POR
AMOR AO BRASIL**
”

presidente a levaram a escrever o livro *JK, o Homem dos Três Emes*, que traz depoimentos de amigos como o pioneiro Affonso Heliodoro dos Santos e do ex-ministro Aluísio Napoleão.

Autora também dos livros *Tudo Posso* e *Eu e Elas* — este prefaciado por Sarah Kubitschek, Palmerinda, hoje aposentada pelo Ministério da Fazenda, se dedica à cultura de Brasília. A jornalista, que já foi secretária-geral, vice-presidente e presidente da Academia de Letras e Música do Brasil, também fundou a Academia Internacional de Cultura (AIC), onde exerce o cargo de presidente.

Aos 72 anos de idade, a pioneira coleciona em sua casa vários diplomas e medalhas, além do merecido Troféu Mulher de Vanguarda, concedido pela Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais do Distrito Federal.

Raio X

Nome: Palmerinda Vidal Donato
Idade: 72 anos
Origem: Sapucaia, Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1957 (em definitivo no ano de 1960)
Profissão: Escritora e funcionária pública aposentada
Esposo: Domênico Donato (divorciados)
Filho: Marco Vidal Donato (músico-timpanista da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro)
Netos: Carolina, Lucas e Matheus